

A METÁFORA DISCURSIVA PRESENTE NA OBRA A GRANDE FÁBRICA DE PALAVRAS

Gisele A. Ribeiro Sanches (UEMS)

José Antonio de Souza (UEMS)

Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)

RESUMO: A literatura infantil é o primeiro contato que a criança tem com o mundo da leitura. Por esse motivo cabe refletir a respeito do texto literário voltado para a criança leitora para analisar como um objeto simbólico, um livro, produz sentidos em sua materialidade lingüística, histórica e discursiva. De tal forma que, no caso da literatura infantil, ou infanto-juvenil, não é apenas o texto o único gerador de sentidos, posto que outros elementos, como as cores, atuam na configuração da obra e de como tal obra pode ser lida. O objetivo deste trabalho é destacar alguns elementos discursivos de um texto literário a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso. Para tanto, utilizaremos alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso, bem como um texto de literatura infanto-juvenil, “A grande fábrica de palavras”, que é nosso objeto de análise. Nossa hipótese é a de os efeitos de sentidos evidenciados pela leitura empreendida podem confirmar que os discursos são produzidos de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem e participar do discurso socialmente construído é participar do poder das palavras, do conhecimento e da educação. Não pretendemos esgotar todos os sentidos possíveis, mas sim ressaltar um percurso de leitura e gerador de sentidos, considerando elementos como o título, as cores, as ilustrações e a ideologia encontradas na obra literária.

Palavras-chave: Literatura infantil. Análise do Discurso. Discurso literário.

Introdução

A literatura infantil se apresenta como uma construção artística e cultural capaz de contribuir para o desenvolvimento do imaginário da criança e auxiliá-la na descoberta de mundos possíveis. Tal produção pode também contribuir com a descoberta de novos olhares sobre a realidade circundante e potencializar a revisão das condições da vida cotidiana, mediante vivências imaginárias potencializadas pela literatura.

Dentre muitas formas de se mediar a literatura infantil para a criança, o primeiro contato começa com contação de história por alguém próximo, pois é a partir dessa atividade, desenvolvida oralmente, que a criança passa a ter contato com os textos e com a leitura.

Também temos o ambiente escolar como facilitador e mediador da leitura de textos literários com o objetivo de formar os estudantes como leitores proficientes e capazes de codificar, decodificar e compreender enunciados. Outro ponto a ser considerado, quando pensamos no ambiente escolar é a

tentativa governamental de se estruturar minimamente os acervos das bibliotecas escolares da rede pública por meio de programas como, dentre outros, o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE; o Programa Nacional do Livro Didático – PNDL; o – Programa Nacional do Livro e Leitura - PNLL.

Com as iniciativas dos referidos programas e outras atividades voltadas para o incremento da área, nos últimos anos houve aumento significativo da produção editorial de livros voltados para o público infantil. Mesmo não podendo afirmar que somente o aumento da oferta de livros assegura o aumento do acesso à leitura, fica posto um aumento de disponibilidade de recursos materializado em literatura que amplia a possibilidade de acesso a esses bens culturais.

Não obstante a quantidade de literatura disponível ser relevante para a dinamização da formação de leitores, as relações entre texto, condições de produção e leitor se constituem significativas, mesmo que seja com um único livro durante a vida inteira, desde que o leitor exerça sua capacidade imaginativa, apreendendo o universo ficcional, mas carente dessa atividade recriadora de sentido para que o universo simbólico seja vivenciado em seus propósitos. A respeito dessa ligação entre texto e leitor há que se considerar a assertiva de que

Leitor e texto ligam-se na medida em que o texto é uma organização simbólica com uma função representativa que se cumpre no leitor, pois a leitura é a parte determinante de qualquer texto. Este, por natureza, apresenta vazios constitutivos que só encontram preenchimento através da inserção da faculdade imaginativa do leitor. Assim, a leitura é vista como atividade produtora de sentido, sem a qual, o texto não se efetiva. (CADEMARTORI, 1986, p. 82).

É importante ressaltar nas considerações de Cademartori que a autora aponta o texto como uma organização simbólica, logo podemos entender que há um inter-relacionamento regular entre o leitor e o texto dentro de uma tomada de sentido com elementos representativos. Isso quer dizer que a relação entre o texto e o cabedal informacional do leitor é essencial para produzir sentidos. É exatamente nesse ponto, ou neste sentido, que a Análise do Discurso pode operar, pois proporciona, a partir de alguns de seus princípios norteadores, condições teóricas para que seja analisada a correlação de forças que operam no processo de significação do sujeito.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é destacar alguns elementos discursivos, presentes na configuração textual de um texto literário, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso. Para tanto, utilizaremos alguns conceitos que corroborem com nossa perspectiva, provenientes da área de estudo Análise do Discurso. Como aparato metodológico para o alcance do objetivo proposto, construiremos dois dispositivos: um dispositivo teórico e outro dispositivo de análise. Utilizaremos os conceitos básicos de Análise do Discurso para a construção de nosso embasamento teórico e para a construção do dispositivo de análise utilizaremos as bases teóricas do dispositivo teórico com o intuito analisar as significações do texto encontradas no título, nas cores, nas ilustrações e os elementos ideológicos encontrados em uma obra literária, um texto de literatura infanto-juvenil intitulado *A grande fábrica de palavras*.

1. Conceitos básicos norteadores

A Análise do Discurso tem como uma de suas preocupações refletir a respeito da relação estabelecida entre a produção de sentido e processos de identificação de sujeitos na história. Em razão de estarmos neste trabalho interessados em realizar algumas ponderações acerca da obra literária *A grande fábrica de palavras*, buscando evidenciar certos aspectos da obra que revelem seu processo gerador de sentido, apresentaremos alguns conceitos básicos de Análise do Discurso, tendo como objetivo analisar o discurso literário. Quando Orlandi (2012) apresenta o principal objetivo da Análise do Discurso, a autora pondera que

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos de domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. (ORLANDI, 2012, p. 26).

De acordo com a autora, a Análise do Discurso tem o interesse em compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, levando sua interpretação ao limite como parte do processo de entendimento da significação. Ao entender o livro como objeto simbólico, mediador das possíveis produções de sentido para o leitor, a Análise do Discurso contribui

para levar ao limite a significação colocada pelo autor, bem como perceber os mecanismos ideológicos que operaram para a construção desse objeto simbólico, bem como para os sentidos produzidos a partir da ficção.

A Análise do Discurso considera a distinção da inteligibilidade, da interpretação e da compreensão como um momento para a captação do sentido que o enunciado quer expressar. Buscar o sentido do enunciado não pode ser confundido como busca de uma verdade absoluta ou da busca de se estabelecer um método de aferir e testar a verdade presente no enunciado, como meta da Análise do Discurso. Esses pressupostos nos remetem a Orlandi (2012, p. 59), ao ponderar que

A Análise do Discurso não procura o sentido verdadeiro, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo.

Não há uma verdade a ser descoberta pela análise e sim perceber os mecanismos que atribuem sentidos, dessa ou daquela determinada maneira. A compreensão da forma que essa significação se constitui exige atenção a um conceito muito caro à Análise do Discurso – o conceito de ideologia. Como nos desvencilhar de aspectos ideológicos para não comprometer a análise que ora empreendemos? Não se desvencilha da ideologia, pois ela está presente na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. A própria língua é um aparato ideológico.

O “contexto imediato” em que o enunciado se apresenta e como o enunciado está investido de significação só podem determinar como a significação acontece na medida em que se encontra um sujeito, ou seja, quando se encontra o outro, a alteridade discursiva. Como não há nada oculto atrás do texto que deva ser analisado, há sinais de interpretação que o analista deve compreender a partir de seu dispositivo de análise.

Como forma de estabelecer um método para a análise, o analista precisa se valer de dispositivos; estamos considerando os dispositivos teóricos e os dispositivos de análise. Esses dispositivos são as diretrizes teóricas e de análise que o analista necessita seguir: o dispositivo teórico diz respeito aos aportes teóricos utilizados pelo analista para construir seu dispositivo de análise, ou seja, um dispositivo de interpretação.

[...] a proposta é a construção de um dispositivo da interpretação. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito de outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentido de suas palavras.(ORLANDI, 2012, p. 59).

De acordo com o dispositivo de análise, os processos de identificação e os gestos de interpretação precisam ficar explícitos na análise empreendida, em um processo de descrição e interpretação. O analista irá trabalhar no intermeio entre a descrição e a interpretação, utilizando-se de elementos como metáfora, metonímia, sinonímia, paráfrase como forma de deslocar-se a fim de contemplar o processo.

Outro aspecto importante relacionado à Análise do Discurso é como o texto ou enunciado conduz aos sentidos possíveis. Não importa se é escrito ou oral, o texto é entendido como uma unidade teórica possuidora de discurso materializado na história. Em nosso esboço de estudo, ora apresentado, nosso objeto de análise se trata de um livro de literatura infanto-juvenil, o que nos remete a considerações empreendidas a respeito da análise do discurso literário.

Dominique Maingueneau, em seu livro *O Discurso Literário*, elucida duas correntes literárias de interpretação: o estruturalismo e a nova-crítica. O autor evidencia que a Análise do Discurso Literário é uma área de estudo em construção, uma vez que há divergências entre a possibilidade de uma Análise do Discurso Literário. Para nosso estudo, nos ateremos ao que o autor considera a respeito de discurso literário como discurso constituinte, a saber:

Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista, às voltas com um debate social, vai recorrer assim à autoridade do sábio, do teólogo, do escritor ou do filósofo – mas o contrário não acontece. Esses discursos são, portanto, dotados de um estatuto singular: zonas de fala entre outras falas que se pretendem superiores a todas. (MAINGUENEAU, 2012, p. 61).

O autor aborda, em sua ponderação, o fato de que o discurso literário, como constituinte, é gerador de falas e, assim, os discursos constituintes teriam o poder de legitimar os demais discursos, pois não há acima deles nenhum outro discurso.

A despeito das controvérsias, assumimos aqui possibilidade de se realizar a análise do discurso literário pelo fato de o texto literário ser um enunciado, com suas peculiaridades, porém dotado de significação passível de análise. A importância de se efetuar análise do texto/enunciado literário voltado para o público infantil se manifesta por possibilitar a verificação do que é feito em torno das práticas de leitura em relação à recepção, condições materiais de produção, circulação e consumo do livro e da leitura, bem como compreender a operação desses objetos simbólicos, carregados de significância, em uma conjuntura sócio-cultural.

2. Um pouco do enredo de *A grande fábrica de palavras*

Com o título *A grande fábrica de palavras*, temos um livro voltado para o público infanto-juvenil. O livro é composto de 40 páginas, com pouco texto e uma apresentação gráfica na qual as ilustrações são predominantes, como é comum em um texto literário de literatura infanto-juvenil.

A história é contada em terceira pessoa, em discurso indireto e com um narrador-onisciente: tais aspectos podem ser evidenciados uma vez que o narrador demonstra em algumas passagens narrativas que sabe o que se passa no íntimo das personagens, conhece seus sentimentos e suas intenções, como no caso do sentimento de Philéas por Cybelle, os dois personagens principais da história.

A autora é Agnès de Lestrade, escritora e jornalista francesa que promove workshops de escrita criativa. Também é contadora de histórias e tem interesse por artes visuais e música. Já a ilustradora é Valéria Docampo, que nasceu e mora em Buenos Aires – Argentina; ela é formada em Artes Visuais pela Universidade de Buenos Aires e, em seus trabalhos, mescla a técnica manual como a digital.

A temática central do livro é o amor secreto que a personagem Philéas sente por Cybelle. Philéas é um menino de idade não determinada, porém percebe-se pelas ilustrações que se trata de um menino que tem entre 9 e 10 anos de idade, de origem humilde. Cybelle é uma menina também de idade não determinada que, por meio das ilustrações, aparenta ter idade correspondente a de Philéas. Em relação a sua condição social, conforme

uma passagem do texto, a personagem pertence a uma classe desprovida de recursos financeiros.

Outro personagem que aparece na trama é Oscar, um menino que também a partir das ilustrações, podemos aferir sua idade: entre 9 e 10 anos. Diferentemente das outras duas personagens apresentadas anteriormente, Oscar pertence a uma classe social favorecida, fato muito importante para o cenário local em que vive.

A história se passa em um país em que os habitantes precisam comprar as palavras para falar entre si. É o país da grande fábrica de palavras. As pessoas que vivem neste país precisam comprar palavras e engoli-las para se expressar verbalmente. Naquele país, as palavras custam caro e somente pessoas ricas podem pagar pelas palavras. As pessoas que não possuem recursos financeiros pegam palavras no lixo; adquirem em promoções de primavera feitas pela fábrica; pegam palavras soltas no ar. Por não serem adquiridas mediante uma intenção de fala desejada, mas sim por uma disposição aleatória, essas palavras são sempre desconexas umas das outras, não fazendo sentido quando pronunciadas conjuntamente. O enunciado resultante dessa aquisição se dá como a não realização da função imaginativa criadora de sentido. O que é possível de ser enunciado reflete sentidos advindos de fora do sujeito enunciador. O jovem, desprovido de condições para adquirir palavras por uma intencionalidade própria, fica incapacitado de se manifestar no mundo das palavras e impedido de dar seu próprio sentido ao mundo e às coisas. O que lhe resta é reproduzir palavras que encontrou aleatoriamente, produzida pela grande fábrica de palavras para efeitos de enunciar outras intencionalidades.

Voltemos aos personagens e temos Philéas com a intenção discursiva de querer expressar seu amor por Cybelle (ver Ilustração 1), porém julga não possuir palavras consistentes para tanto. Oscar também é apaixonado por Cybelle e expressa verbalmente seu amor por meio das palavras compradas que possui. Oscar, no caso, tem à sua disposição palavras intencionalmente adquiridas, assim ele pode enunciar as palavras e manifestar sua subjetividade ao mundo, pois tem condições de adquiri-las.

Ao ver Oscar se expressando por meio de palavras, Philéas acredita que seu amor não será correspondido por Cybelle, pois não tem, à sua disposição,

as palavras apropriadas à sua intenção. As palavras que ele tinha à disposição eram *Cereja!* *Cadeira!* *Poeira!* – como ele expressaria seu amor por Cybelle com tais palavras, tão desconexas entre si como em relação ao que Philéas sentia.

Ao contrário do que Philéas pensava, Cybelle retribui seu amor, mesmo ele só dizendo as três palavras (desconexas) para ela. Como forma de demonstrar seu carinho por Philéas, Cybelle, que também não tem palavras guardadas, dá um beijo doce em seu rosto. Philéas só tem mais uma palavra guardada, que por sinal guardava há muito tempo para usá-la em uma ocasião muito especial. A palavra é: *Mais!*

Uma interpretação possível, advinda da ausência de palavras que as personagens possuem, é que o amor não tem palavras. A simplicidade do amor infantil vence as barreiras da expressão verbal cerceada pelas condições socioeconômicas. Mas também a geração de sentido poderia ser encaminhada para outra questão: a que as relações de amor estão definidas pelas classes sociais que cada indivíduo pertence. Como se daria a relação entre alguém que tem inúmeras palavras à sua disposição, adquiridas intencionalmente para servir apropriadamente a certos contextos enunciativos, e o outro sem quaisquer palavras que pudessem ser manifestadas, sem possibilidade de se expressar, tanto a expressão de si, quanto a expressão sobre o universo ao seu redor? Empreenderemos, na sequência, uma análise de alguns elementos que constituem o livro como: título, cores, ilustrações e ideologia.

3. Do título, das cores e da ideologia

O título é composto por um adjetivo (grande), que atribui uma qualidade ao substantivo (fábrica de palavras) e é precedido pelo artigo definido feminino (A). Assim, inferimos que não se trata de qualquer fábrica, mas de uma grande fábrica; também não se trata de qualquer grande fábrica de palavras, mas “A” grande fábrica.

Tomando como aporte as significações apontadas, podemos dizer que o título do livro mostra a importância que esta fábrica tem para aquela organização social, pois nela se processa o que há de mais importante e o de mais restrito para as pessoas pertencentes àquele país, que são as palavras. A

fábrica é vista como o local onde se processa, se transforma, o modo de expressão desejado por todos e usufruído por poucos.

Não é mencionado no livro qual o tipo de matéria-prima que se transforma em palavra, ou qual é a forma de aquisição dessas palavras. A única informação a este respeito é que somente os muito ricos possuíam palavras. Ser rico significava, portanto, ter acesso às palavras e, assim, ter também o poder enunciar definições de mundo. A riqueza, dessa maneira, traria a condição de dar sentido ao mundo e constituir o universo simbólico no qual as pessoas menos ricas deveriam se organizar e o próprio narrador desempenha um papel primordial neste cenário: podemos detectar, pela autoridade que narra, que ele é quem diz sobre o que está acontecendo. Ele, ao ser o possuidor das palavras, é quem diz o que é e o que não é no mundo relatado por ele. É ele quem desenha os sentimentos das personagens, suas vontades, suas realizações e frustrações. Ele é o ser do discurso, é ele quem diz o que é a história.

Como característica de literatura infantil o livro é composto por muitas ilustrações. Sendo assim, as cores possuem um papel importante na determinação de significação do enunciado. No texto, as cores predominantes são o vermelho, cor de papel jornal e branco. Faremos uma breve descrição do que as cores podem representar no contexto de nossa análise.

Cor de papel jornal: na tentativa de descrevê-la, podemos dizer que esta cor é uma mescla entre o cinza e o bege. Em nosso entendimento, esta cor é utilizada fazendo referência ao jornal impresso, pois no jornal temos uma grande quantidade de palavras em um espaço restrito, demonstrando, no caso de nosso objeto de análise, que são muitas as palavras, mas que poucos habitantes daquele país possuem acesso. Outro aspecto importante nesse caso é que os personagens apresentados graficamente esta cor, roupas e pele, se mostram sem vivacidade, sem sentimentos, demonstram certa atitude mecânica.

Preto – esta cor é utilizada para sombras e roupas de personagens. Destacamos que ela está presente em roupas das personagens que possuem palavras. Isso pode ser afirmado, pois alguns personagens apresentam as palavras grafadas em suas roupas e como só possui palavras quem pode

adquiri-las, podemos afirmar que esses personagens possuem condições socioeconômicas para exibir palavras em seu vestuário. (Ver Ilustração 2).

Branco: esta cor é utilizada nos detalhes das ilustrações, como um laço, uma fita e roupas das personagens. Podemos associar a cor branca utilizada nas ilustrações como a intenção de demonstrar um elemento de pureza e singeleza, porém quando nos atentamos às roupas de alguns personagens, verificamos que umas são brancas, com linhas como folhas de caderno pautadas (Ver Ilustração 2); outras são também brancas, pautadas e com desenhos infantis cor de grafite, imitando como se os desenhos fossem feitos a lápis. A partir dessa percepção, podemos refletir que esses personagens não possuem palavras, pois suas vestimentas estão em branco ou são adornados por desenhos infantis.

Vermelho: chegamos à cor predominante em todo o livro, desde a contra capa até seu final. Cor do sangue. Cor que nutre todo o nosso corpo de existência, de vivacidade e calor. Cor quente que expressa um sentimento e traz consigo toda a nossa humanidade. Cor do vestido de Cybelle. Cereja!

Como mencionado anteriormente, esta cor está presente em todo livro, principalmente nos telhados das casas e nas roupas de alguns personagens, ou melhor, exclusivamente nas roupas das personagens que não possuem palavras. Também é uma cor presente na roupa de Philéas de uma forma muito curiosa. Enquanto os outros personagens que não possuem palavras tem também a presença do vermelho em suas vestimentas, Philéas apresenta desenhos de borboletas vermelhas em sua roupa. É um diferencial, pois ao atribuirmos a esta cor a representação dos sentimentos das personagens, verificamos que os sentimentos do personagem possuem formas, formas de borboletas. Outro diferencial que podemos observar nas vestimentas de Philéas é que se trata do único personagem com uma peça de roupa na cor laranja, supomos que é para diferenciar das demais personagens por se tratar da personagem principal. A questão ideológica é outro aspecto que merece destaque; como forma de distinguir o que a Análise do Discurso objetiva que se compreenda enquanto ideologia, menciona-se a definição de Fernandes (2008, p. 21), a saber:

Uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica. Linguagem e ideologia são vinculadas, esta se materializa naquela.

Ideologia é inerente ao signo em geral. Sendo assim, diante de cada palavra enunciada, procuremos verificar qual (ou quais) ideologias(s) a integram.

Temos a própria língua como um aparato ideológico, pois a escolha do vocabulário mostra quais os aspectos ideológicos estão impregnados nas palavras utilizadas nos enunciados. No caso de nosso objeto, analisar a ideologia internalizada nas personagens e apresentada por meio do enunciado que é o próprio texto, ilustrações e cores.

A concepção de mundo das personagens, ou seja, na constituição do sujeito discursivo, a formação discursiva mais visível é a de que quem tem palavras é porque pode comprá-las e quem não possui palavras para se expressar verbalmente é devido a sua condição social não propiciar isso.

É claramente abordada no texto uma dicotomia social na qual os habitantes daquele país são divididos entre aqueles que possuem palavras e os que não possuem. Não são apresentados maiores detalhes de como é feita essa divisão, de como uns possuem condições de adquirir palavras e os outros não; ou até mesmo a forma de aquisição dessas palavras. Vejamos um trecho do texto que explicita a situação da divisão entre os habitantes:

Existem palavras que custam mais caro do que outras. As pessoas falam muito pouco essas palavras, a menos que elas sejam muito ricas.

No país da grande fábrica de palavras, falar custa caro.

Quem não tem dinheiro às vezes cata palavras nas latas de lixo, mas essas palavras sem graça: têm muito cocozinho de cabrito e pum de coelho. (LESTRADE; OCAMPO, 2013.)

Fazendo um paralelo entre a temática do livro e a forma de organização social em que vivemos, é importante ressaltar que essa dicotomia social, apresentada no livro, também está presente em nosso cotidiano. Isso porque percebemos que muitas vezes a condição social do sujeito determina a sua participação no mundo das letras e das palavras. Basta notar os dados alarmantes sobre analfabetismo e analfabetismo funcional no Brasil e no mundo. Esta situação configura-se em algo preocupante, pois aquele que vive sem possuir palavras, além de não usufruir dos bens culturais construídos socialmente, também não participa da criação dos bens culturais que possuem na palavra o cerne de sua criação e circulação.

Outro aspecto interessante em nosso objeto de análise é o silêncio. Nesse caso, o silêncio das personagens é determinado por sua condição social. Porém não só esse tipo de silêncio está presente, o dito e o não-dito se inter-relacionam e significam. Mesmo quando o discurso é interditado constrói sentido, pois notamos em nosso objeto que mesmo utilizando apenas as palavras que possuía, *Cereja! Poeira! Cadeira!*, Philéas consegue expressar seu amor por Cybelle.

Considerações finais

É possível evidenciar, por meio desta breve análise do livro de literatura infantil *A grande fábrica de palavras*, a metáfora de como no interior do discurso literário são apresentados alguns elementos que compõem a cultura determinada por uma sociedade, que gesta e determina o que é socialmente aceito; da mesma forma, o discurso literário presente na obra discute quem teria acesso aos bens culturais de determinada sociedade; em outra direção, o discurso literário da obra evidencia o quanto tais questões são preponderantes até mesmo em relação a questões mais subjetivas, como o amor.

O próprio título da obra já encaminha para essas percepções: *A grande fábrica de palavras* pode ser interpretada como a grande cultura produtora de ideologias ou tendências ideológicas produtoras de universos simbólicos produtores de significados. Isso pode ser entrevisto no interior de uma cultura nacional, em que há aqueles que obtêm o melhor acesso aos bens culturais em detrimento daqueles que estão distantes deles. Podemos também entrever nas classificações de cultura (enunciado como país) desenvolvida, subdesenvolvida e primitiva, sendo a cultura tida como desenvolvida aquela criadora de princípios a serem seguidos em razão de sua suposta superioridade.

Esta análise, ou melhor, os efeitos de sentidos evidenciados pela leitura empreendida podem confirmar que os discursos são produzidos de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem e participar do discurso socialmente construído é participar do poder das palavras, do conhecimento e da educação. A literatura infanto-juvenil pode ser um meio potencializador desse processo de aquisição das palavras e criação de sentido e de cultura,

ao disponibilizar condições imaginativas para que os jovens e crianças adquiram palavras e se tornem capazes de constituir enunciados criadores de sentido. Cabe ainda ressaltar que o percurso empreendido também é revelador de que a literatura infantil, ou infanto-juvenil, pode ser significativa para todos, em detrimento de idade específica: é evidente que os sentidos gerados, e aqui apresentados, não são os mesmos que se espera sejam empreendidos por uma criança; no entanto, também não podemos deixar de considerar o quanto pode ser significativa tal leitura para a constituição e formação do leitor, independentemente da idade que tenha.

Referências

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos, SP: Editora Clara Luz, 2008.

LESTRADE, Agnès de; DOCAMPO, Valéria. *A grande fábrica de palavras*. Belo Horizonte, MG: Aletria, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

Ilustrações

Ilustração 1 - Philéas e Cybelle. Ilustração de Valéria Do campo.



Ilustração2 – Dicotomia social – Ilustração de Valéria Docampo.

